

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVI
VOLUME 24
NÚMERO 2
(JAN-JUN)
2016
PP. 307-327

ROCHA POMBO E O LUGAR DOS POVOS INDÍGENAS NA NARRATIVA DIDÁTICA DA NAÇÃO

(ROCHA POMBO AND PLACE OF INDIGENOUS PEOPLES IN NARRATIVE NATION TEACHING)

DRA. ALEXANDRA LIMA DA SILVA

*Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
alexandralima1075@gmail.com*

DR. RENILSON ROSA RIBEIRO

*Professor de História da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
rrrenilson@yahoo.com*

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo fazer uma análise do manual escolar História do Brasil (Curso superior), publicado em 1924, pela Companhia Melhoramentos, do jornalista e professor de História da Escola Normal, José Francisco da Rocha Pombo, tendo por referência o lugar dos povos indígenas na sua narrativa didática da nação no contexto da Primeira República no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Rocha Pombo; Indígenas; Discurso didático; História do Brasil.

ABSTRACT: This article aims to analyze the textbook História do Brasil (Curso superior), published in 1924, for the Companhia Melhoramentos, with authorship of journalist and professor of History of the Normal School, José Francisco da Rocha Pombo, having as reference the place of indigenous peoples in their nation's didactic narrative in the context of the First Republic in Brazil.

KEYWORDS: Rocha Pombo; Indigenous; Didactic discourse; History of Brazil.

ROCHA POMBO: INTELLECTUAL, PROFESSOR E AUTOR

Nascido em 1857, em uma cidade do interior do atual Estado do Paraná, sul do Brasil, ainda muito jovem, José Francisco da Rocha Pombo ingressou no magistério e no exercício da escrita em periódicos, publicando artigos relacionados à instrução. Mudou-se para o Rio de Janeiro, então capital da República em 1897. A partir de então, tentou frequentar os círculos intelectuais da cidade, em esforços diversos para sobreviver e se estabelecer no campo intelectual. Foi poeta, historiador, professor da Escola Normal, do Colégio Batista, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), jornalista. Ocupou também cargos políticos, tendo sido deputado, e conforme suas obras indicam, tem uma vasta produção didática de História, com livros reeditados até a década de 1970. No auge de seus 75 anos, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, porém faleceu antes de assumir. Percorrendo as diferentes instituições pelas quais Rocha Pombo transitou no período em que morou no Rio de Janeiro (1897-1933), foi possível localizar um corpus documental rico e diverso, abrangendo

manuscritos, tais como cartas, cartões, atas de seleções, dentre outros.

Até finais do século XIX, no entanto, era pouco conhecido nos meios intelectuais consagrados, estando fora do circuito da capital federal. Tal marginalidade era tamanha, que Blake (1902, p. 480), escreveu a seu respeito: “José Francisco da Rocha Pombo nasceu em Morretes, atual Estado do Paraná, a 4 de dezembro de 1857. Nada mais sei a seu respeito, senão que escreveu...” destacando, neste ponto, as obras : *Ao povo; A religião do Belo; A supremacia do Ideal*; e o requerimento e memorial para a criação da Universidade do Paraná. Talvez, na tentativa de ampliar seu círculo de contatos e prestígio social, muda-se junto da esposa, Dona Carmelita Azambuja da Rocha Pombo e dos três filhos para o Rio de Janeiro, em 1897, onde seu campo de produção passou a centrar-se na escrita de obras de cunho historiográfico, e também, no magistério, uma vez que não podia viver somente da “pena”, aspiração de muitos dos intelectuais do período.

Transitando em vários estilos e gêneros na escrita, convém indagar, em que medida, as obras deste autor ajudam a entender sua trajetória profissional e de vida, compreendendo projetos, defesas e contradições.

Com isto, despertam interesse, não somente a abundância dos materiais, mas principalmente, a atuação de Rocha Pombo em várias instâncias e atividades. Em relação aos impressos publicados sob sua autoria, é possível observar que publicou em periódicos, escreveu contos, romances, poesia, livros de história, ensaios, dicionários, livros didáticos.

A respeito de Pombo, é importante salientar que já foram produzidos muitos estudos acadêmicos, nos quais se verificam diferentes discursos e perspectivas de análise sobre um mesmo sujeito. Pude verificar que tal produção tem se dado em diferentes áreas do conhecimento (Literatura, Ciências Sociais, História, Educação) e abordagens, e a justificativa para isto pode ser o caráter complexo, multifacetado e pantanoso da experiência histórica desse sujeito, pois, conforme salienta Bega (2001, p. 157-158 apud CAMPOS, 2006, p. 23):

Rocha Pombo é uma personagem da história paranaense e brasileira que pode ser abordada em diversas facetas: jornalista, político, historiador oficial da República Velha, deputado provincial pelo Partido Conservador e mais tarde deputado federal pelo Paraná, filólogo e professor. Foi um romancista com extensa

produção e com uma das poucas obras de prosa de ficção simbolista– *No Hospício* – publicada em 1905, bem como com incursões no ideário socialista e reformador social.

Deste modo, existem estudos que enfatizam a simpatia de Pombo às ideias anarquistas, tendo participação na criação da Universidade Popular de Ensino Livre, no que teriam participado outros intelectuais, dentre os quais Manuel Bonfim, Pedro Couto, Sílvio Romero (LOPES, 2006). Destacam-se ainda, trabalhos que apontam sua contribuição na criação da Universidade do Paraná.ⁱ Trabalhos produzidos na área de Literatura têm analisado a presença da estética simbolista em sua produção literária, sobretudo na obra *No hospício*.ⁱⁱ Já os estudos em História, sobretudo a partir da década de 1990, têm aumentado o interesse pela experiência de Pombo enquanto historiador, evidenciando preocupação com a escrita da história (SILVA, 1997; LUCCHESI, 2004). Há também, estudos de natureza biográfica, produzidos em diferentes períodos históricos.ⁱⁱⁱ

Um caminho para adentrar nas memórias produzidas sobre Rocha Pombo é a análise das notícias de jornal sobre a morte de Rocha Pombo. Neste sentido,

interrogar as diferentes necrologias sobre um mesmo sujeito pode contribuir nos entendimentos das nuances e memórias construídas a respeito da biografia.

Ao analisar os escritos póstumos sobre Pombo, são perceptíveis as diferentes nuances e memórias tecidas a respeito do biografado, nas múltiplas construções e recriações dos tempos vividos.

Apesar da grande ênfase na dimensão pública da vida do intelectual, algumas necrologias enfatizavam aspectos da vida pessoal do paranaense, que já no final da vida vivia muito triste, pois: “Desde que morreu a companheira fiel e amiga, em janeiro último, que Rocha Pombo submergiu numa imensa tristeza. Enfermo, seus padecimentos se agravavam pela saudade da esposa e, o seu amoroso coração deixou também de pulsar” (*Correio Marítimo*, Rio de Janeiro, 1/7/1933). O jornal *A Noite* foi um dos que destacou outros aspectos da vida pessoal de Rocha Pombo:

Rocha Pombo era filho de Manoel Francisco Pombo, natural de Cascais e de D. Angélica Pires da Rocha Pombo. Foi casado com a Exma. Sra. D. Carmelita Rocha Pombo, recentemente falecida, e deixou os seguintes filhos: Julia da Rocha Bond, casada com o Sr. Aristoteles Bond; Regina da Rocha Pombo, viúva, e Víctor da

Rocha Pombo. Era genro do poeta Pereira da Silva. O ilustre historiador foi vitimado, segundo o diagnóstico médico, por ‘arterio sclerose e asystolia’. (...) Rocha Pombo foi um amigo d’ *A Noite*, a que estava ligado o seu nome, pois pertenceu ao nosso corpo redatorial, um de seus descendentes: Rocha Pombo Filho, excelente companheiro e jornalista brilhantíssimo, cujas reportagens vibrantes tiveram grande repercussão (...) (“Uma luminosa figura intelectual que desaparece”. *A Noite*, Rio de Janeiro, 27/6/1933).

Para alguns, Rocha Pombo destacou-se pelo esforço para vencer na vida, tendo se consagrado como autor de livros didáticos de História:

Nascido em Morretes, Estado do Paraná, a 4 de dezembro de 1857, Rocha Pombo veio, como quase sempre ocorre, fazer a sua carreira no Rio de Janeiro, onde acabou vencendo muito cedo, apesar da sua profunda modéstia, porque pela inteligência e pela cultura logo se impôs à admiração dos círculos literários do país. Assim revelou-se o escritor, e em seguida, o historiador, antes do professor, produzindo uma obra avultada e que representa já os seguintes volumes: *História do Brasil* (10 vs);

História de São Paulo; História do Paraná; Nossa Pátria; História do Brasil para o curso secundário, além de Contos e Pontos, em que ficou a sua revelação de novelista.

Já no jornal *Folha da Manhã*, de São Paulo, destaca-se o autodidatismo e a defesa do ideal republicano:

Fez na sua terra natal, pouco mais que os estudos primários, pois não havia ali estabelecimentos de curso secundário. Pobre, de Morretes só pode sair já homem feito, vendo-se, por isso, obrigado a fazer-se um autodidata, mas com a naturalidade de uma verdadeira inclinação. Demonstrando, desde cedo seu pendor pelas letras, fundou na sua pequenina cidade, uma olha hebdomadaria, a primeira que ali aparecia e que ele chamou O Povo, visando a propaganda dos ideias republicanos. (...) Foi Rocha Pombo para o Rio de Janeiro em 1897, onde até sua morte trabalhou no magistério superior e, intermitentemente, na imprensa diária. Sempre dedicado às letras, revelou, na capital do país, a principal faceta de seu espírito: a de historiador. (*Folha da Manhã*, São Paulo, 27/6/1933).

Para outros, era lembrado por suas obras e seu trabalho como professor e autor de livros: “Rocha Pombo, professor de grande capacidade, lecionando em diversos estabelecimentos de ensino, simultaneamente, tinha tempo ainda para escrever obras de ficção, ensaios de crítica e compêndios para colégios” (“Rocha Pombo. A morte do notável historiador”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27/6/1933).

Ou ainda, um consagrado mestre de História:

O escritor Rocha Pombo era um dos mais consagrados mestres de história no país, deixando várias produções históricas e uma grande edição da História do Brasil, tem 10 volumes. O falecimento do ilustre brasileiro foi profundamente sentido nos círculos intelectuais e educativos desta capital. (*Diário da Tarde*, Ilhéus, Bahia, 28/6/1933).

Havia ainda os que conferiam especial ênfase aos pertencimentos a instituições de prestígio, como o Instituto Histórico e Geográfico, a Escola Normal, e já no fim da vida, a Academia Brasileira de Letras:

Professor e homem de letras, praticou vários gêneros com êxito. Eleito há pouco membro efetivo da Academia Brasileira, não chegou,

entretanto, por motivo de saúde, a tomar posse. Pertencia ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e figurava no quadro dos correspondentes da Academia Fluminense desde 1922 (*Vanguarda*, Rio de Janeiro, 27/6/1933).

Já os amigos ressaltavam aspectos da personalidade e do temperamento do intelectual:

Poucos homens, no mundo, tiveram como ele, uma alma tão doce, uma sorte tão áspera e uma existência tão difícil. Mas, como ele, poucos conservaram até a morte tanta beleza de coração, tanta serenidade no sofrimento e tanta resignação em carregar o fardo da vida (...). Não conheci no mundo criatura mais ingênua. Tinha-se a impressão, às vezes, de que Rocha Pombo era a maior criança do mundo. Ele, que sempre viveu nas mais alucinantes dificuldades de dinheiro, nunca soube o valor do dinheiro (CORREA, 1933, p. 7).

Há ainda, os que destacam os feitos e projeção conquistados pelo paranaense de Morretes, tanto em âmbito nacional como internacionalmente: “Rocha Pombo foi produto do seu próprio esforço, criando um

nome que transpôs as fronteiras pátrias e era conhecido e admirado no estrangeiro, pela sua formosa inteligência e grande talento” (*Vanguarda*, Rio de Janeiro, 27/6/1933). Por sua vez, algumas necrologias enfatizavam as muitas dificuldades enfrentadas ao longo de toda a vida do intelectual: “Rocha Pombo morreu aos 77 anos, homem de letras, professor e jornalista, viveu dentro do seu sonho e morreu pobre” (SILVA, 2012, p. 219).

OS ÍNDIOS NA ESCRITA DIDÁTICA DA HISTÓRIA DA NAÇÃO POR ROCHA POMBO

Um aspecto bastante presente na trajetória de Rocha Pombo foi o alcance das obras do autor junto a um público não especializado, além do sucesso editorial de suas obras, sobretudo após 1917, em que muitos dos livros do autor obtiveram inúmeras reedições. Nesse sentido, nota-se que Rocha Pombo transitava em diferentes meios e círculos, almejando ser reconhecido tanto “pelos homens simples do povo”, como entre os pares do mundo das letras, ou seja, seus livros poderiam circular do grande público não especializado em história, aos pares do meio intelectual.

Rocha Pombo defendia ainda, que a composição étnica do brasileiro era fruto das três raças fundadoras, sendo o brasileiro o herdeiro do índio, “altivo”, do africano, “amoroso”, e do europeu, o “inteligente”, construindo o que nos dias atuais os estudiosos denominam de mito ou fábula das três raças.

Ao abrimos o compêndio de história da pátria, intitulado *História do Brasil (Curso superior)*, publicado em 1924, pela Companhia Melhoramentos, do jornalista e professor de História da Escola Normal, José Francisco da Rocha Pombo, percebemos, na esteira de Joaquim Manuel de Macedo e João Ribeiro, que a temática indígena estava presente no primeiro capítulo dedicado ao “Descobrimento do Brasil”. Neste capítulo, o autor dedicou os dois últimos itens às populações indígenas.

No item “As populações indígenas”, Rocha Pombo iniciou seu relato com a notícia de que quando os portugueses chegaram ao Porto Seguro encontraram “uma gente” em pleno estado de “selvageria” e que as expedições subsequentes à de Cabral reconheceram que toda terra descoberta estava ocupada por populações que pareciam da mesma raça.

Após esta breve descrição do encontro entre portugueses e índios, ele propôs ao seu leitor-aluno a primeira questão que era “a que consiste em saber se

esse homem é autóctone, ou se é adventício no continente” (POMBO, 1952, p. 23).

A esta pergunta inicial, Rocha Pombo descartou a hipótese da autoctonia e partiu para a análise da variedade de nações que, no momento da conquista, ocupavam todas as zonas do hemisfério, “nada mais”, em sua opinião, “que remanescentes de antigas migrações”. Em relação às origens destes elementos e à sua entrada no continente americano, o autor comentou a existência de muitas tradições cuja exatidão ou não ainda estava a ser apurada. Contudo, ele optou pela hipótese, “a mais geralmente preferida, e aceita pelos historiadores”, que dava como vindos da Ásia os povos que se encontravam aqui (POMBO, 1952, p. 23). E para corroborar a sua escolha por este caminho hipotético, teceu as seguintes considerações:

A própria situação em que se achavam esses povos parece, com efeito, que assinalava ainda o caminho que tinham seguido, e o modo como depois se instalaram nas várias porções do continente. (...) Entrando pelo extremo norte, vieram essas migrações descendo pelo litoral do Pacífico, e fixando-se nos pontos em que as condições do meio físico eram melhores. (...) Chegaram assim a formar agrupamentos já

policiados, e até nações de cultura considerável, como principalmente os dois impérios patriarcais do México e do Peru. (...) É desses vastos centros de civilização que se destacaram em seguida as levas de famílias que povoaram toda a parte oriental das duas grandes penínsulas (POMBO, 1952, p. 23-24).

No caso da América do Sul, Rocha Pombo afirmou que os índios brasileiros tiveram a sorte de descender da raça superior peruana, ou seja, dos incas. O selvagem encontrado aqui pelos descobridores seria um “aimará decaído”, e tendo já, nas “vicissitudes da nomadia”, perdido muito dos elementos da sua civilização matriz, todavia conservando o suficiente para se estabelecer a filiação entre os dois grupos. Após terem transposto a cordilheira dos Andes, os invasores (incas) da América oriental dividiram-se em duas grandes correntes: “a dos que procuraram o norte pela costa do Atlântico, e a dos que tomaram o mesmo rumo seguindo a bacia do Prata” (POMBO, 1952, p. 24).

Ao estabelecer esta conexão, ou melhor, filiação entre os povos indígenas do Brasil com os povos de outras partes do continente americano, o autor retomou sua preocupação de se realizar estudos e o

ensino da História do Brasil ligado à História da América. O professor Rocha Pombo, segundo Bittencourt (1990), alimentava um desejo profundo de difundir, pelo ensino, os ideais de confraternização entre as nações americanas. Ao contrário dos seus contemporâneos, ele defendia que “a civilização americana não era apenas o país norte-americano, mas o conjunto de nações que com o Brasil formam ‘a nossa América no seu largo caminho aberto ao futuro’” (BITTENCOURT, 1990, p. 86-87).

Em meados dos anos 1920, no prefácio da sua premiada *História da América* (publicada originalmente em 1900), Rocha Pombo reafirmou esta sua preocupação, ao optar pelo que denominava de estudo “dos grandes homens do Novo Mundo”. Nesta perspectiva, o autor buscou conciliar a ação dos indivíduos frente ao conjunto da sociedade,

[...] reconhecendo que as grandes individualidades são sempre a síntese da sua época, na esfera em que se manifestam, em torno delas gira toda uma vida coletiva; e muitas vezes destacando um desses grandes tipos temos caracterizado toda a vida de uma geração, ou todo um momento da história de um povo. (POMBO, 1925, prefácio).

Após este breve parêntese em relação ao posicionamento do autor sobre o ensino de História da América, vamos prosseguir a leitura de como Rocha Pombo, sócio efetivo do IHGB desde 1900, construiu a imagem do indígena na sua *História do Brasil (Curso superior)*.

Em relação aos dois ramos que tomaram conta de toda parte do continente que se estendia a leste da Cordilheira, o autor notou que estes se multiplicaram na profusão de tribos que os conquistadores vieram a encontrar, em alto nível de retrocesso em relação ao centro de origem – os incas:

Estes povos que se isolaram do Peru sofreram aqui um grande abaixamento de cultura, ou metamorfose regressiva; da qual, no entanto, os tupis, por esforço próprio, já se reerguiam vigorosamente(...). É por isso mesmo que, enquanto nos tupis se reconhecem sinais evidentes da nova fase que com eles iniciava para a raça, é entre tapuias que se não de apanhar os vestígios menos vagos da civilização original (POMBO, 1952, p. 24).

Percebemos, pela citação acima, que Rocha Pombo optou pela classificação já adotada por Joaquim

Manual de Macedo e João Ribeiro, no que concerne aos índios: *tapuias* (os que primeiro passaram os Andes e subiram pelo interior) e *tupis* (os que desceram pelo litoral).

Em relação aos tapuias, ele registrou que estas tribos cultuavam formalmente o Sol e a Lua; praticavam feitiçaria e acreditavam em um sem-número de superstições, “características do antigo peruano”.^{iv} Para os tupis ou tupis-guaranis, observou que estes se levantavam da decadência sofrida; e com eles “tomava a raça impulso novo” (POMBO, 1952, p. 25). Na época da conquista, os grupos mais notáveis da família tupi eram os goianos (no planalto de Piratininga) e os tamoios (no litoral entre São Vicente e Cabo Frio).

Diferentemente do manual escolar de João Ribeiro, Rocha Pombo ofereceu ao seu leitor-aluno informações detalhadas sobre os tupis, em especial, sobre o seu modo de viver.

Os tupis eram caracterizados como um povo de instinto de vida heroico. Viviam para guerrear e se orgulhavam da sua força e da sua coragem. Segundo o autor, eles exaltavam a tal ponto que sua bravura os levou aos excessos da antropofagia. A prática da antropofagia pelos tupis apareceu com ressalvas no seu texto:

O tupi não sacrificava o inimigo por gula. As festas de sacrifício não eram para ele sacrílegos banquetes, mas cerimônias de culto. Trincava a carne do inimigo como se fizesse um desagravo, e uma honra à tribo desagradada. (...) É o que se poderia chamar – antropofagia heróica – muito diferente da antropofagia doméstica ou religiosa, que se praticava entre os tapuias (POMBO, 1952, p. 25).

Ao contrário de Francisco Adolfo de Varnhagen e Joaquim Manuel de Macedo, o autor de *Nossa Pátria* afirmou que os mais mentalmente desenvolvidos das tribos tupis tinham se elevado, no momento da chegada dos europeus, a um legítimo senso de pátria, ou ao menos “um certo espírito nacional”. Para ilustrar sua descrição, Rocha Pombo chegava a comparar o nível de desenvolvimento dos tupis aos antigos germanos^v:

Como os povos da Germânia, não tinham os índios do Brasil propriamente monumentos históricos; e tudo que, de reminiscências do passado, conservavam, reduzia-se a mitos, lendas, tradições e cânticos, celebrando combates, paixões, feitos heroicos e ações grandiosas, ou rendendo culto a divindades (POMBO, 1952, p. 25-26).

Além de destacar outras similaridades entre os índios tupis e os germanos antigos, ele ressaltou o notável conhecimento que tinham os primeiros da botânica e da geografia.^{vi} Os termos da topografia geral indígena, segundo o autor, tão ampla e curiosa, revelavam profundo espírito de observação e extraordinária sutileza de instinto para “destacar o aspecto de uma região, de uma bacia fluvial, de uma enseada, de um monte” (POMBO, 1952, p. 27). Num tópico do item sobre as populações indígenas, Rocha Pombo dedicaria especial atenção às noções do índio relativas à botânica e à zoologia.

Quanto à teogonia dos índios, o autor estabeleceu uma relação entre Tupã e Deus. Para ele, não se podia duvidar de que, no espírito bárbaro, o signo Tupã não possuísse um valor equivalente ao do nome de Deus no espírito do homem civilizado, ou seja, cristão. Como Deus para o civilizado, Tupã era para o índio o “ser supremo, absoluto, misterioso, incompreensível em si mesmo, mas que se manifesta na luz, nas claridades do céu, na fulguração do relâmpago, na chama, no sol, fonte universal da vida” (POMBO, 1952, p. 28).

A psicologia do indígena, na sua leitura, era fundada num vasto panteísmo naturalístico. Tal influência decorria diretamente do espetáculo da

natureza como expressão do mistério. As maiores divindades visíveis eram o Sol, a Lua e as Estrelas.

No item “Ainda as populações indígenas”, Rocha Pombo, à maneira de Francisco Adolfo de Varnhagen – o visconde de Porto Seguro, mas numa linguagem didática, procurou descrever minuciosamente a organização política e social de uma tribo tupi. O autor comentou também sobre as suas crenças e superstições, a relação entre as tribos, as construções e as armas e objetos confeccionados.

A *taba* era descrita como formada por longos galpões (*ocas*) dispostos, em pentágono de ordinário, dentro de uma cerca circular (*caiçara*). Em cada lanço da oca havia duas redes para o casal. O resto da família deitava em esteiras (*piris*), em volta das redes. O dia-a-dia dos índios na tribo era passo a passo relatado por Rocha Pombo. A sua descrição era tão detalhada que permitia ao leitor-aluno visualizar o cotidiano da tribo. Em parágrafos curtos, o autor foi montando o seu cenário e as personagens, ou seja, a sua visão do que era uma tribo e os índios:

Acomodam-se muito cedo, e levantam-se antes do nascer do sol; a primeira coisa que fazem é banhar-se.

Depois do banho, começam a comer; e comem o dia inteiro, salvo tempo em que trabalham.

A refeição é feita em comum. Todos os da família, cada qual com a sua *cuia*, põem-se de cócoras em volta do chefe, e este reparte a comida por todos em quinhões iguais.

Quando comem, guardam absoluto silêncio.

O alimento consiste em farinhas, bolos, carnes e peixes, e frutas, como de cereais e de legumes.

Em suas enfermidades, além de ervas e óleos, usavam também da sarjadura. (...)

A vida do índio, na paz, era uma festa contínua. Festejavam o natalício, as núpcias, a nubilidade das raparigas, a investidura dos rapazes no ofício das armas. E tudo isso além das festividades da tribo tanto religiosas como guerreiras. Celebravam as estações, as colheitas, as pescarias, as grandes vitórias contra inimigos (POMBO, 1952, p. 30).

O manual escolar de Rocha Pombo apresentava uma sociedade indígena com elementos básicos de organização e disciplina, onde valores como bons hábitos alimentares e higiene eram supervalorizados. Havia, na sua percepção, um respeito em torno da figura dos mais velhos e dos antepassados, principalmente nos

rituais de culto aos mortos. A família indígena era unida e realizava atividades de forma comunal. Aos olhos do leitor-aluno, esta tribo indígena aproximava-se muito do seu dia-a-dia como, por exemplo, sua casa, seu bairro e sua escola. Havia uma pedagogia do corpo e da moral do aluno neste trecho citado, pois o autor enxergava como virtudes, algo a se admirar, esse modo de viver dos índios.

Embora fizesse referência às atividades de guerra, Rocha Pombo não carregou muito nas tintas como o fizeram Francisco Adolfo de Varnhagen, Joaquim Manuel de Macedo e, de alguma forma, João Ribeiro ao tratar do assunto. O fato de não enfatizar tanto as situações de guerra entre populações indígenas explicava-se pela razão de na sua obra, como observou Bittencourt (1990), haver a influência de uma corrente anarquista pacifista da qual o autor era adepto.^{vii} Ele pensava a história a partir da compreensão da ideia de civilização numa perspectiva humanitária, “como meio de por fim às guerras, à violência, contrariamente à maioria da bibliografia da época que incitava a difusão da superioridade racial dos brancos e fornecia argumentos para uma decisão social baseada em privilégios” (BITTENCOURT, 1990, p. 86). Não podemos deixar de levar em consideração que o autor compunha

sua *História do Brasil (Curso superior)* num mundo já marcado pelos confrontos traumáticos da Primeira Guerra Mundial entre 1914 e 1918^{viii}, e num momento em que o mito ariano ganhava força.^{ix}

Quanto à ideia de família entre “nossos selvagens”, Rocha Pombo afirmou que esta “estava perfeitamente organizada”. Ele deu destaque para aspectos da família indígena semelhantes às vivenciadas pelo seu leitor-aluno das primeiras décadas do século XX, apontando uma preocupação por parte dos índios em preservar suas famílias.^x A monogamia, por exemplo, “era a regra; e quando excepcionalmente tomava um chefe mais de uma mulher, a autoridade doméstica pertencia à primeira esposa, e por esta se regulava a sucessão paterna” (POMBO, 1952, p. 31).

O casamento indígena, conforme a sua narrativa, era repleto de rituais. O rapaz deveria se casar aos 25 anos, e até essa idade, deveria se conservar virgem. A moça só poderia se casar após se tornar mulher. Rocha Pombo ofereceu detalhes do processo que ia da corte ao casamento numa comunidade indígena. Alguns índios, segundo contou o autor, apaixonavam-se pelas donzelas que escolhiam, e sujeitavam-se a servir primeiro, ao longo de dois ou mais anos, aos pais delas, como era prática entre os povos hebreus.

Depois do casamento, a mulher saía do jugo do pai ou tio para o do marido. No entanto, observou Rocha Pombo, “não era pela força que a mulher era submissa; mas antes por algum sentimento que na psicologia do sexo ficou da fase da sagrada família” (POMBO, 1952, p. 31-32). Na sua leitura, a mulher indígena obedecia por veneração, pois enxergava “no esposo, não senhor que era forte, mas o patriarca que representa a tradição da família, e pelo qual ela e os filhos se incorporam na vida da raça” (POMBO, 1952, p. 32). Ao contrário das índias de Francisco Adolfo de Varnhagen, as de Rocha Pombo não prefeririam a morte ao modo de vida a qual eram submetidas.

A parte final do item “Ainda as populações indígenas” era dedicada às particularidades das línguas da América oriental, em especial, a tupi. Neste ponto, ele fez um breve comentário sobre o alfabeto e a formação das palavras tupi.

Em sentido oposto do que assinalaram seus antecessores Joaquim Mnaule de Macedo e João Ribeiro, Rocha Pombo sugeria que, além do “que representa como fator étnico, conviria estudar ainda o nosso selvagem sob o ponto de vista da influência que exerceu sobre a sociedade histórica, e particularmente do concurso que deu aos colonizadores da terra”

(POMBO, 1952, p. 34). Neste aspecto, o autor aproximou-se das indicações apresentadas por Karl P. von Martius.

Rocha Pombo, à semelhança do que posteriormente fizeram Joaquim Silva, Borges Hermida e Sérgio Buarque Holanda nos seus respectivos manuais escolares de História do Brasil, destacou a influência indígena na língua, nos costumes, nas indústrias, como em todos os vários aspectos dos conquistadores:

[...] impressões que ainda hoje se encontram bem vivas em todo o Brasil, e até nos sítios menos afastados das zonas urbanas. (...) Quanto ao concurso do índio na obra colonial, não há nenhuma palavra dissonante no coro dos encômios que merece a raça. Quer nos serviços agrícolas, quer na defesa da terra, ou ainda nas explorações do interior, foi o índio um auxiliar operoso, sem o qual nada do que fizeram teriam os colonos feito aqui (POMBO, 1952, p. 34-35).

Com estas palavras, apresentou o indígena como operoso afluente no grande rio que formava a nacionalidade brasileira. Notamos que ele construiu uma figura indígena simpática e prestimosa. Em vários

momentos da história do Brasil colonial, afirmou entusiasticamente, fosse à repulsa a intentos de piratas e corsários, fosse na guerra contra intrusos, os índios figuraram como “primeiro elemento de sucesso”. Em síntese,

[...] de mais eloquência ainda que tudo isso, foi a altivez com que ele se remia, por protestos heroicos, das violências da conquista. As revoltas e as guerras formais, com que afrontou os excessos da força, dizem evidentemente que esta família tinha um largo fundo moral que a fazia apta para a plenitude da vida histórica (POMBO, 1952, p. 35).

Neste ponto, o historiador Rocha Pombo, assim como Joaquim Manuel de Macedo e João Ribeiro, pareceu seguir as orientações de Karl P. von Martius ao pensar o significado do elemento da “raça vermelha ou americana” na história do Brasil. A imagem do indígena desenhada em suas palavras aproximava-se muito mais da personagem de José de Alencar, no seu romance *O Guarani*, do que da esboçada por Francisco Adolfo de Varnhagen, na sua *Historia geral do Brazil*.

De acordo com Bittencourt (1990, p. 87), na obra didática de Rocha Pombo, “o elemento indígena não era

tido como obstáculo à marcha do progresso, mas visto como um agente na colonização pelo trabalho e, contraditoriamente reconhecia a sua luta de resistência frente ao branco”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O manual escolar ou livro didático, esse instrumento mediador da comunicação entre o professor e o aluno, tem sido material de presença importante e controversa no cotidiano escolar brasileiro, com ênfase para o seu papel dentro das práticas docentes: seleção de conteúdos, preparo das aulas e atividades e elaboração de avaliações.

Fonte de investimento e, ao mesmo tempo, de preocupação, este instrumento de ensino sempre suscitou e tem suscitado debates dentro e fora das instituições (ministérios, secretarias, escolas, editoras, universidades) sobre a sua importância na constituição de identidades, um lócus privilegiado de jogo de identidades.

O livro didático, por esta razão, justifica-se como fonte rica de pesquisa por se constituir como espaço privilegiado de disputas políticas de construção da

memória social. Nele, há diferentes personagens e modelos de interpretações em questão. Ele é o palco privilegiado de “guerras das narrativas” (LAVILLE, 1999, p. 125-138).

Assim como o currículo, o livro didático é lugar, espaço, território. Objeto de relações de poder por ser trajetória, viagem, expedição, percurso na formação de gerações de leitores-alunos. Ele é autobiografia, nossa vida, nosso *curriculum vitae*: neste espaço se fabrica nossa identidade. O livro didático é texto, discurso, documento. É um documento de identidade, uma colônia identitária; objeto de desejo de vários grupos, projetos e políticas.^{xi} Suas páginas são espaços de políticas. Elas não são a História do Brasil, mas nela são esboçadas as histórias desta comunidade imaginada, de múltiplas definições e leituras, batizada de Brasil (RIBEIRO, 2004; RIBEIRO, 2010).

E a história dos índios não foge à regra. As imagens, muitas vezes, estereotipadas e preconceituosas dos povos que habitavam o continente americano antes da chegada dos europeus, presentes no imaginário das pessoas, estão relacionadas à forma como foram fabricadas nos tempos escolares. A ideia do índio como selvagem, preguiçoso, que vive da caça e da pesca, místico e guerreiro tem povoado o universo

linguístico das crianças e jovens ao longo da vida escolar (BITTENCOURT, 1998).^{xii}

Os livros didáticos de Rocha Pombo tiveram uma longa duração na escola brasileira. Alguns livros escritos em princípios do século XX foram reeditados até a década de 1970. Assim, persistiu durante muito tempo a construção dos indígenas como inaptos à civilização e selvagens, uma vez que somente entre o homem civilizado, a razão seria utilizada, em detrimento da força.

O dito homem civilizado resolveria tudo pelo direito e não pelas armas, ao passo que os indígenas seriam aqueles que aqui já existiam antes da chegada do colonizador europeu, sendo estes vistos como “muito atrasados quanto à civilização”. Além disso, seriam os índios muito afeitos a brigas e à guerra, o que era considerado um comportamento natural. Por essa linha de interpretação presente na História do Brasil inventada por Rocha Pombo, índios (os diferentes, os outros) afastaram-se ou aproximaram-se dos portugueses, vistos como os brancos: os portadores de civilização (os não-diferentes, o nós). Estes sempre apontados como os que detinham a astúcia, a inteligência. No caso do discurso didático, os atributos diferenciadores estavam no campo do desenvolvimento

político, econômico, social e cultural. Os portugueses, filhos da Europa civilizada, eram superiores ao resto – índios, negros e asiáticos – porque tinham F (Fé), L (Lei) e R (Rei/Estado) (cf. GIUCCI, 1993; RAMINELLI, 1996).

Para concluir, lembramos que propusemos aqui fazer uma leitura das representações dos povos indígenas fabricadas por Rocha Pombo, procurando compreender como e porque ele, em consonância com uma determinada “tradição” de escrita de história escolar no Brasil, criou seus modelos de interpretação, ao escrever suas versões didáticas para a história nacional.

A intenção não era mostrar o que ele não fez ou fez de “errado”, mas compreender a maneira como ele, ao seu modo, amparado em ferramentas conceituais como raça, nação e civilização, criou o seu “índio” – o seu “outro”. Procuramos ainda evidenciar o que houve de permanências e mudanças na arte de construir esta personagem histórica (o índio) e as possíveis implicações políticas, sociais, ideológicas e culturais das escolhas feitas por autores da lavra de um Rocha Pombo ao forjarem o índio que deveria povoar as páginas de seus livros didáticos, sujeito este que acreditavam ou faziam crer como “reais”.

REFERÊNCIAS

Fontes

Manuais escolares:

POMBO, J. F. da R. **Compêndio de História da América**. 2 ed. Rio de Janeiro: Benjamin de Aquila Editor, 1925.(Manual escolar).

_____. **História do Brasil (Curso superior)**. 6 ed. revista e atualizada por Hélio Vianna. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1952. (Manual escolar).

Periódicos:

A Nação, Rio de Janeiro, 27/6/1933.

A Noite, Rio de Janeiro, 27/6/1933.

Correio Marítimo, Rio de Janeiro, 1/7/1933.

Diário da Tarde, Ilhéus, Bahia, 28/6/1933.

Folha da Manhã, São Paulo, 27/6/1933.

Jornal de Sergipe, Aracaju, 1/7/1933

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 28/6/1933

O Estado, Niterói, 28/6/1933.

O Globo, Rio de Janeiro, 27/6/1933

O Globo, Rio de Janeiro, 27/6/1933.

Revista Rumo Paranaense, n. 36, ano 1977 - “Rocha Pombo”.

Vanguarda, Rio de Janeiro, 27/6/1933.

Bibliografia

AMARAL, J. **Rocha Pombo e a História do Brasil**. Ceará: Typ. Minerva – Assis Bezerra, 1925.

BEGA, M. T. S. **Sonho e invenção do Paraná**: geração simbolista e a construção de identidade regional. 2001. 434 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

BITTENCOURT, C. M. F. Livros didáticos entre textos e imagens, In: _____. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1998, p. 69-90.

_____. **Pátria, Civilização e Trabalho**: O ensino de História nas escolas paulistas (1917-1939). São Paulo: Edições Loyola, 1990.

BLAKE, A. V. A. S. **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902. v. 7.

CAMARGO, G. L. V. de. **Paranismo**: arte, ideologia e relações sociais no Para, 1853 – 1953. 2007. 215 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

CAMPOS, N. de. **Intelectuais paranaenses e as concepções de Universidade: 1892 – 1950**. 2006. 258 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

CARDIM, E. **Rocha Pombo**: o escritor e o historiador. Rio de Janeiro: Publicações da ABL, 1958.

DICIONÁRIO Bibliográfico de Historiadores, Geógrafos e Antropólogos Brasileiros. Rio de Janeiro, IHGB, 1991, v. III.

GARCIA, R. “Rocha Pombo”, In: **“Autores e Livros”**, suplemento literário de *A Manhã*. Rio de Janeiro, v. 5, mar. 1944.

GIUCCI, G. **Sem fé, lei ou rei: Brasil 1500-1532**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HARDMAN, F. F. **Nem pátria, nem patrão!** (vida operária e cultura anarquista no Brasil). São Paulo: Brasiliense, 1984.

HOBSBAWM, E. J. **Era dos Extremos: o breve século XX**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LAVILLE, C. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 19, n. 38, p. 125-138, 1999.

LOPES, M. A Universidade Popular: Experiência Educacional Anarquista no Rio de Janeiro, In: DEMINICIS, R. B.; REIS, D. A. (Org.). **História do Anarquismo no Brasil**. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Mauad, 2006. V. 1.

LUCCHESI, F. **A história como ideal: reflexões sobre a obra de Jose Francisco da Rocha Pombo**. 2004. 168 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MACHADO, B. P. “Rocha Pombo”, In: POMBO, J. F. da R. **Paraná no centenário**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

PEREIRA, L. F. Preguiçosos quem, cara pálida? **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, ano 2, n. 17, p. 24-25, fev. 2007.

PILOTO, V. **Rocha Pombo: Biografia**. Curitiba, 1953.

POLIAKOV, L. **O mito ariano: ensaios sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos**. São Paulo: Editora Perspectiva/Edusp, 1974.

QUELUZ, G. L. **Rocha Pombo: Romantismo e Utopias**. (1880/1905). Curitiba: Ed. Aos Quatro Ventos, 1998.

RAMINELLI, R. **Imagens da Colonização: A representação do índio de Caminha a Vieira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

RIBEIRO, R. R. **Colônia(s) de Identidade(s): Discursos sobre a raça nos manuais escolares de História do Brasil**. 2004. 451f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

_____. A questão do outro e os livros didáticos. **Fato&Versões**. Uberlândia, v. 2, n. 4, p. 75-88, 2010.

SANTOS, N. M. W. dos. **Histórias de Sensibilidades: Espaços e Narrativas da Loucura em Três Tempos (Brasil, 1905/1920/1937)**. 2005. 385 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SILVA, A. A. da. **Entre Deus e a Nação: trajetória de José Francisco da Rocha Pombo**. 1997. 75f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

SILVA, A. C. da. **Versões didáticas da história indígena (1870-1950)**. 2000. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SILVA, A. L. **Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual**. 2012. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVEIRA, A. V. da. **Estética simbolista e a filosofia de Nietzsche presentes no romance No hospício, de Rocha Pombo**. 2005. 213f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

ZEFERINO, J. S. **Às avessas e o Decadentismo No hospício de Rocha Pombo**. 2006. 47 f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

Recebido em: 12/05/2016

Aprovado em: 19/05/2016

Publicado em: 06/08/2016

NOTAS

ⁱ As já citadas teses de Maria Tarcisa Silva Bega e Névio de Campos exploram as ações de intelectuais paranaenses em diferentes frentes, como destaque à trajetória de Rocha Pombo, dentre outros. Ainda sobre a intelectualidade paranaense, cf.: CAMARGO, 2007.

ⁱⁱ Cf. SILVEIRA, 2005; ZEFERINO, 2006. A respeito do uso da obra *No hospício*, cf. também: SANTOS, 2005.

ⁱⁱⁱ Dentre os estudos que se propõem a fazer “uma biografia” de Rocha Pombo, destaque: *Dicionário Biobibliográfico de Historiadores, Geógrafos e Antropólogos Brasileiros*. Rio de Janeiro: IHGB, 1991, vol. III, p. 135; AMARAL, Julio. *Rocha Pombo e a História do Brasil*. Ceará: Typ. Minerva - Assis Bezerra, 1925; GARCIA, Rodolfo. “Rocha Pombo”. In: “Autores e Livros”, suplemento literário de *A Manhã*. Rio de Janeiro, vol. 5, mar. 1944; PILOTO, Valfrido. *Rocha Pombo*. Biografia. Curitiba, 1953; MACHADO, Brasil Pinheiro. “Rocha Pombo”. In: *Paraná no centenário*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987; CARDIM, Elmano. *Rocha Pombo: o escritor e o historiador*. Rio de Janeiro: Publicações da ABL, 1958; QUELUZ, Gilson. L. *Rocha Pombo - Romantismo e Utopias*. (1880/1905). Curitiba: Ed. Aos Quatro Ventos, 1998; *Revista Rumo Paranaense*, número 36, ano 77 – “Rocha Pombo”.

^{iv} Rocha Pombo apresentava como indícios outros de grande valor de afinidade entre os tapuias e a cultura incaica “uma arte cerâmica em desacordo com o grau de inteligência; a fabricação de artefatos de uso doméstico, tanto de madeira, como de osso ou de terracota; o culto da pedra; o cuidado com que se conserva o fogo da lareira (vestígio do culto vestal); o sentimento de veneração no seio da família; a obrigação, para o guerreiro, de fabricar ele próprio as suas armas, os seus instrumentos e os seus artifícios de caça e de pesca etc.” (POMBO, 1952, p. 24-25).

^v Para Adriane Silva, a comparação com os germanos na obra de Rocha Pombo projetava nos índios a capacidade de civilizarem-se, assim como haviam se aperfeiçoado aqueles *bárbaros* ancestrais dos alemães cuja *kultur* tanto encantava intelectuais como João Ribeiro, João Capistrano de Abreu, Manuel de Oliveira Lima, Sérgio Buarque de Holanda entre outros. Cf. SILVA, 2000, p. 61.

^{vi} Aspectos ressaltados por Rocha Pombo para a construção da identidade dos povos indígenas em comparação com os antigos germanos estão vinculados à construção dos antigos mitos de origem. Cf. POLIAKOV, 1974.

^{vii} De acordo com Francisco Foot Hardman, Rocha Pombo era ligado ao grupo de intelectuais anarquistas do Rio de Janeiro. As simpatias dele pelos libertários estariam presentes de forma difusa nas suas crônicas reunidas em *Contos e Pontos* (1911). Cf. HARDMAN, 1984, p. 132.

^{viii} Para entender o significado da Primeira Guerra Mundial na história contemporânea (século XX), cf. HOBBSAWM, 1999, capítulo I.

^{ix} Para saber sobre as construções do mito ariano, cf. POLIAKOV, 1974, parte II.

^x Por exemplo, ressaltava o autor, “Cumpria também ao homem solteiro desposar a viúva do irmão. O tio tinha, com o sobrinho,

deveres de pai, principalmente com o filho da irmã. Parece mesmo que, entre algumas tribos, o filho da irmã era para o índio pelo menos ao próprio filho, até para a sucessão no comando da tribo” (POMBO, 1952, p. 30).

^{xi} Para uma reflexão sobre o conceito de identidade no mundo pós-moderno, cf. HALL, 2002; SILVA, 2001.

^{xii} Para Pereira (2007, p. 24), “uma das origens do mito do índio preguiçoso reside na impressão errada que os europeus tinham da vida desses povos no Novo Mundo, associada à imagem do paraíso bíblico perdido. Acreditava-se que, habitando florestas fartas, que lhes ofereciam ao alcance das mãos os mais deliciosos frutos, os índios teriam que fazer muito pouco esforço em seu cotidiano”.